



Entre as Cores da Capulana

Andrezza Duarte de Magalhães

Prof^a. Ms. Márcia Detoni

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

RESUMO

Inspirado em autores como Cremilda Medina, Edvaldo Pereira Lima e Sergio Vilas Boas, que sugerem uma abordagem mais humana do Jornalismo como estratégia de transformação social, este Trabalho visa resgatar técnicas derivadas do Jornalismo Literário para dar vida e calor ao relato jornalístico e traz um estudo da narrativa literária na primeira pessoa, que serviu de base para a produção da grande reportagem *Entre as cores da capulana*, sobre o cotidiano de brasileiras envolvidas em missões humanitárias de Médicos Sem Fronteiras em Moçambique. As técnicas do Jornalismo Literário mostraram-se, ao longo da pesquisa, as mais adequadas para retratar a dedicação das profissionais de saúde brasileiras e, principalmente, a dura realidade da vida moçambicana. O título da reportagem é uma referência às cores dos panos de algodão usadas nos trajes da mulher de Moçambique, conhecidas como capulanas.

PALAVRAS-CHAVE:

Médicos Sem Fronteiras; Moçambique; Jornalismo Literário; Grande Reportagem; Jornalismo Humanizado

INTRODUÇÃO

Em defesa da humanização dentro do Jornalismo contemporâneo, este Trabalho de Graduação Interdisciplinar traz cor, textura, forma, gosto, som e cheiro de realidades pouco conhecidas no Brasil: o cotidiano de mulheres brasileiras em missões humanitárias na ONG Médicos Sem Fronteiras (MSF) e a vida em Moçambique. Autores como Cremilda Medina, Sergio Vilas Boas, Edvaldo Pereira Lima e Muniz Sodré observam que o Jornalismo atual, assim como seus jornalistas, sofre de um grave analfabetismo emocional, uma deficiência social que é fruto da busca utópica pela objetividade, moldada por amarras editoriais e pela alta velocidade da produção moderna da notícia. Como instrumento de resistência ao mito da objetividade, esses autores sugerem um olhar mais humano na definição da pauta e a retomada dos recursos éticos e estéticos do Jornalismo Literário como estratégia de transformação social. Esse resgate da humanidade e da solidariedade na cobertura jornalística, militado por profissionais e acadêmicos, visa aproximar o Jornalismo das aspirações sociais e promover a sensibilização e conscientização do leitor, ouvinte ou telespectador.



Este trabalho buscou analisar com profundidade as técnicas do Jornalismo Literário, hoje também conhecido como “narrativa da realidade”, para aguçar o poder de observação e compreender as estratégias que harmonizam o Jornalismo e a Literatura dentro de um mesmo texto, tornando-o mais vivo e viabilizando a produção de uma reportagem mais humana e sensível sobre o cotidiano de brasileiras envolvidas em missões humanitárias de Médicos Sem Fronteiras em Moçambique.

As informações sobre o trabalho da MSF em Moçambique, especialmente no que se refere ao segmento feminino da organização, e sobre a situação do país, são escassas e desconhecidas do público. Pouco espaço foi dedicado às realizações dessas brasileiras, que partiram para um lugar com graves carências e limitações na tentativa de amenizar o sofrimento das pessoas. Esse trabalho busca, assim, contribuir para uma maior compreensão do tema, oferecendo um relato amplo e detalhado sobre os esforços das brasileiras na África. A reportagem foi produzida depois de um estudo sobre a narrativa literária e uma pesquisa sobre Médicos Sem Fronteiras e Moçambique.

Para garantir um retrato fiel e humano dos fatos, adotei, na reportagem, uma narrativa onde eu, jornalista, também sou personagem. Em primeira pessoa, contei detalhes sobre minha experiência em Moçambique, viagem que realizei sozinha durante o mês de julho de 2009. Além de apresentar o cotidiano das brasileiras em missões humanitárias, me inseri na apuração, oscilando entre os papéis de autor e personagem. Assumi a responsabilidade profissional, mas não me omiti como ser humano: me intrometi, pesquisei, provoquei, interpretei, senti e vivi cada aspecto e dimensão dos fatos.

2 OBJETIVO

Esse trabalho pretendeu resgatar um Jornalismo mais humanizado, mais próximo à realidade e vida do leitor, sem a objetividade fria da notícia, ao transportar o leitor até o país africano, para que ele vivenciasse cada momento narrado ao lado do autor. Por meio das sensações, impressões, descrições e entrevistas, além das imagens que ilustram o imaginário, a narrativa convida as pessoas a conhecerem um pouco da África e sobre como vivem os povos moçambicanos.

3 JUSTIFICATIVA

Há escassez de informação acerca do trabalho da ONG Médicos Sem Fronteiras em Moçambique, assim como a falta de conhecimento sobre o estilo de vida do país. Além



disso, baseado nos estudos de Medina, pode-se afirmar que os jornalistas hoje incorporaram e ampliaram uma mentalidade arrogante, distante desse processo de humanização do Jornalismo, ao qual eles observam com ar de desprezo. É possível perceber ironia, rancor e pouco caso nos textos culturais. Para o jornalista importar reais sensações e experiências à peça, e retratar um fato da forma mais humana possível, ele precisa se igualar àquela realidade. Ele precisa se colocar nas mesmas condições, precisa viver o que aquela sociedade vive, passar pelo que eles passam. Ele precisa se envolver no universo descrito. Não há como fazer isso à distancia – ele precisa se tornar parte daquele cenário, se transformar em um dos personagens de sua própria narrativa. Afinal, “a dor recrudescer na rua, no cotidiano, no gesto da oratura ou no gesto da Literatura” (MEDINA, 2003). Somente assim, ele conquistará a sensibilização e a humanização em seu texto.

Só o impulso interativo e amoroso nos recarrega a energia de auto-aceitação, capaz de nos pôr em iguais condições para dialogar com o Outro. E o projeto ético de humanização dos significados que produzimos, se expressa na estratégia dialógica [...] A osmose cultural ilumina a produção simbólica planetária, aponta para a virtual fertilidade do concerto das culturas (MEDINA, 1991, p. 205).

Para isso, é importante para o jornalista e para a verossimilhança de seu trabalho, ele entrar em contato com a Arte do que explora. Desenvolver o contato profundo com o objeto e, ainda, aproveitar sua condição como repórter para absorver toda a cultura popular exposta. Dessa forma, além de contar uma boa história, o profissional ainda haverá compreendido um pouco melhor o seu povo, a sua gente. Assim, terá desenvolvido seu trabalho como mediador social de forma exitosa.

Atrevo-me a pleitear a presença poética na comunicação social. [...] Sonhar é preciso, porque temos potencialmente recursos para produzir sentidos em que ética, técnica e estética estejam a serviço de uma estratégia humanizadora do Jornalismo. [...] O jornalista deve, então, cultivar o desejo profundo de ele também ser um poeta de seu tempo (MEDINA, 1991, p. 197).

Ainda segundo Medina (2003), narrar produz aspectos sensoriais ao texto jornalístico quando retrata o cotidiano, e enfatiza que a arte de conseguir fazer isso, é uma necessidade vital. São poucos os jornalistas que se permitem transcender a um Jornalismo mais humanizado, mais sensível e mais ético e estético. A narrativa se pauta pela possibilidade de pintar o cotidiano com “afeto e as simpatias da compreensão” (MEDINA,

2003, p. 57). Folquening (2002, p.14) aponta a atual dificuldade de identificar e enxergar o homem, o ser humano, dentro do Jornalismo contemporâneo, sugado pelo grave contexto de desumanização, que foi intensificado pelo surgimento e controle da tecnologia. Discute, ainda, a recuperação do humanismo dentro do Jornalismo em um “universo das inter-relações em face de uma ‘brutalização’ provocada pela explosão da técnica no século 20”.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Foram utilizadas técnicas do Jornalismo Literário para justamente desenvolver a função de aproximar o jornalista do fato, como o uso de linguagem coloquial e do flashback; uma pontuação não-tradicional, como o emprego de reticências, que suspende o pensamento para que o leitor complete a ideia; a preferência pelo discurso direto; e a reprodução de depoimentos. O texto literário aborda qualquer assunto sem o compromisso de informar - mesmo que nada o impeça de fazê-lo. A narrativa se aproxima da Literatura devido às técnicas literárias importadas da mesma. “Trata-se de um texto informativo e, ao mesmo tempo, recheado de ‘figuras’” (VILAS BOAS, 1996, p.103). A técnica narrativa do Jornalismo Literário, consolidada pelo Novo Jornalismo, autoriza os profissionais a escaparem das amarras das redações, ainda que mantenham o cunho jornalístico. O objetivo era resgatar o humanismo nos relatos, prender a atenção do leitor, empregar o suspense e desenvolver o poder da comunicação.

Ao longo da pesquisa, adotei a grande reportagem como formato de peça. São matérias extensas que permitem uma exploração profunda sobre um assunto em particular, além de cultivar, cobrir e abordar todos os aspectos, ângulos e dimensões do tema. Espera-se de uma grande reportagem, uma riqueza de detalhes e registros de cenas e pessoas; um retrato da realidade vivida pelo autor. O relato pode iniciar com a descrição do lugar, do espaço e de um personagem, para envolver o leitor e levá-lo por uma viagem factual repleta de minúcias e narrada de forma literária. A grande reportagem é uma análise ou uma apresentação que não caberia dentro do Jornalismo tradicional:

A grande reportagem rompe todos os organogramas, todas as regras sagradas da burocracia – e, por isso mesmo, é o mais fascinante reduto do Jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito da aventura, de romantismo, de entrega, de amor pelo ofício. [...] Para, no fim, ter o prazer de contar uma boa história (KOTSCHO, 2007, p. 71).

É na grande reportagem que desfilam as sensações, as impressões, o calor dos fatos. Ela extrai a dimensão humana de cada assunto e apresenta uma realidade na qual o repórter

não se oculta, participa da apuração; ora é autor, ora é personagem. Muitas vezes, com a permissão de uso dos diversos focos narrativos, o jornalista apresenta o real em primeira pessoa.

O que move o Jornalismo, o que lhe dá razão de ser, é a *necessidade social da informação*. Os indivíduos querem saber o que está acontecendo, o que se passa ao seu redor, o que ocorre no mundo, pela necessidade *vital* de estabelecer *ligação com o meio-ambiente*, com a comunidade, a sociedade, enfim, estar sintonizado com o seu grupo social. [...] o novo jornalismo [...] abria as perspectivas da reportagem além dos limites da imprensa norte-americana. [...] esse movimento que introduzia possibilidades ilimitadas de aprofundamento do texto jornalístico se estendeu para a própria concepção do papel da imprensa na sociedade e das possibilidades de que sua atuação não se restringisse ao mito da objetividade (FARO, 1999, p. 29 e 70).

Para inserir o texto em um formato de revista, foram utilizados recursos do Jornalismo Literário, pois agregam maior riqueza textual, além de permitir mais espaço para desenvolver a profundidade dos temas. A velocidade que o estilo *hard news* exige ou a preocupação em trabalhar com a pirâmide invertida não é a principal prioridade do texto de revista. As informações são transmitidas com qualidade. Dessa maneira, os textos informam, analisam, interpretam e ainda comunicam o ponto de vista, ou o foco narrativo, de forma fascinante. O desenvolvimento de uma reportagem narrativa, amplamente utilizada no texto de revista, é dado com ritmo, liberdade e graça, transformando-se em um Jornalismo observador e remediador, curioso e interpretativo.

A revista desenrola o novelo dos fatos, busca testemunhos e solta a palavra. Narra e reporta. Por essa razão, costuma deixar algo ‘no ar’ ou nas entrelinhas. Isto não significa que as revistas sejam infiéis ao fato reportado. [...] O leitor deve ‘digerir’ por si mesmo, e não deixar-se ‘confundir’ pelo texto. A criatividade esbarra, então, nos limites do raciocínio. [...] O namoro do jornalismo com a literatura não é assim tão às escondidas. Em jornalismo - de revista, especialmente - o bom gosto na escolha da palavra não serve a fins puramente estéticos. Um texto jornalístico deve se confortar nos limites do verificável. [...] a revista [...] permite acrescentar alguns acessórios ‘subjativos’: beleza, elegância, sofisticação, sensibilidade etc. Subjativos porque não possuem uma referência-padrão. Depende de quem lê e de como lê (VILAS BOAS, 1996, p. 102).

José Salvador Faro diz no livro *Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira*: “o recurso literário é o instrumento-limite do trabalho do autor na imprensa, já que está nele a possibilidade de compreensão e referência da realidade” (FARO, 1999, p. 33). Para retratar o tema com fidelidade, foram realizadas



muitas entrevistas, técnicas de interação social utilizada por jornalistas na coleta de dados e na aproximação da fonte. A partir dela, o profissional se abastece de detalhes essenciais para tecer uma história mais viva, mais colorida e mais real. Cremilda Medina se inspira nessa estratégia de inter-relacionamento humano na defesa da narrativa, como ferramenta para diminuir distâncias e criar vínculos, se não laços, entre grupos e culturas. Em seu livro *Entrevista: o diálogo possível* (2005), ela defende que o diálogo trocado entre os partícipes em uma entrevista modifica a ambos e, ainda, os ilumina e agrega autoconhecimento e uma melhor compreensão do mundo. Essa troca de informações e experiências pode ocorrer em qualquer situação e permite uma representação mais fiel do anônimo. Segundo Medina (2005, p.18), a entrevista que tem como foco desenhar um perfil humano é uma “entrevista aberta que mergulha no outro para *compreender* seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida”. Aborda e descobre os aspectos que humanizam o entrevistado e permitem que, tanto o jornalista como o leitor, se identifique com ele.

O depoimento desceu ao subsolo do entrevistado, afloraram traços de sua personalidade, revelaram-se comportamentos, valores. É a *humanização* conquistando um espaço na comunicação coletiva. O jornalismo noticioso ortodoxo não admite esses luxos com o indivíduo, que não merece tanto espaço... (MEDINA, 2005, p. 51).

Em muitos casos, o jornalista chegar a ser um invasor de privacidade, e desperta um bloqueio no outro. O oposto também pode ocorrer e uma imediata confiança é estabelecida entre ambos. O trabalho do profissional, para colher ricas informações sobre o entrevistado, é o desarmamento. O envolvimento que ocorre entre o jornalista e o entrevistado enriquece o conhecimento e o teor do tema abordado, pois aproxima as realidades e garante a verossimilhança dos fatos.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para aplicar os conhecimentos apreendidos na pesquisa, a proposta era desenvolver uma grande reportagem que explorasse uma narrativa voltada ao ser humano e não à frieza objetiva dos fatos. Para isso, foi necessária a realização de uma viagem ao local retratado na peça, para que a realidade fosse narrada da forma mais fiel possível. O destino foi escolhido com base em alguns fatos: a ONG Médicos Sem Fronteiras atua em Moçambique há duas décadas e, atualmente, é o país africano que reúne o maior número de voluntários brasileiros em seus projetos; há escassez de informação acerca do trabalho da ONG no país,



assim como a falta de conhecimento sobre o estilo de vida moçambicano; e o idioma oficial é o português, que facilitou a comunicação e execução de entrevistas e pesquisa de campo.

A grande reportagem foi elaborada em 60 mil toques e dividida sob retrancas distintas, cada uma narrada a partir de um lugar de dentro do país. Na viagem, que ocorreu em julho de 2009 e durou três semanas, visitei alguns centros de saúde moçambicanos, sempre acompanhada pelas voluntárias brasileiras. Fiquei uma semana em cada um dos lugares estudados (Tete, Angónia e Maputo), e viajava até vilarejos próximos durante a minha estadia. Pensando na execução da peça, mantive um diário de bordo onde, a cada dia, anotava os principais fatos ocorridos, sensações, impressões e descrições de cada ambiente e pessoa. Encontrei nessa atividade, uma maneira de guardar as informações com fidelidade, mantendo-me leal aos detalhes e características. Amparada por essas anotações, consegui planejar a execução da peça. A maioria das entrevistas foi pautada ainda no Brasil, como as realizadas com as personagens principais da reportagem, brasileiras indicadas por MSF. As outras fontes, que incluem mulheres moçambicanas, foram selecionadas nos centros de saúde para ilustrar o cenário peculiar do país.

Como resgate das técnicas literárias na narrativa e como estratégia de humanização do texto, optei por utilizar a narrativa em primeira pessoa para melhor traduzir a minha experiência em Moçambique. Segundo autores estudados como Cremilda Medina, Sérgio Vilas Boas e Felipe Pena, essa escolha narrativa dá ao leitor a sensação de credibilidade, de proximidade e identificação e preconizam o envolvimento emocional do autor diante da história contada. Medina diz que o jornalista assume um compromisso social e que é imprescindível que traga em seus textos sensações, experiências, cores, sons, memórias, reflexões, compreensões, opiniões e perspectivas para retratar os fatos da forma mais fiel e descritiva possível, enfatizando a essência cultural do local narrado e dos personagens presentes. Ainda de acordo com os autores, a narrativa na primeira pessoa garante a humanização do relato.

O planejamento editorial e fotográfico foi pautado pelo objetivo final do trabalho: transportar o leitor até o país africano, para que ele vivenciasse cada momento narrado ao lado do autor. Por meio das sensações, impressões, descrições e entrevistas, além das imagens que ilustram o imaginário, a narrativa convida as pessoas a conhecerem um pouco da África e sobre como vivem os povos moçambicanos. O uso de outra forma narrativa, sem ser na primeira pessoa, fugiria do propósito da peça, que era o de aproximar o leitor da realidade vivida por mim no país africano. O texto objetivo é um mito, pois não traduziria o drama humano com fidelidade e traria uma descrição superficial sobre um tema rico e



profundo. A narrativa fria trabalha a objetividade, um mito que não cede espaço para o envolvimento e sensibilidade; ele apenas informa, e saber não é mesmo que viver, que sentir. Por esse motivo, na concepção da grande reportagem, decidi levar o leitor comigo nessa jornada. Assumi o papel de condutor, de mediador. O uso da primeira pessoa, como observa Sergio Vilas Boas, permite um novo olhar sobre a história, essencial para que a pessoa experimente sensações a partir da construção feita. A grande reportagem é composta por subtítulos que estruturam o texto de forma harmônica e fácil de ser compreendida, pois conduz o leitor cena a cena de forma organizada. Sob cada retranca, o leitor encontra uma experiência diferente, geralmente, narradas a partir de lugares diferentes. As fotografias, batidas por mim, pretendeu ilustrar de forma mais fiel cada situação narrada, além de encurtar ainda mais a distância entre a história e o leitor.

O veículo escolhido para a publicação da matéria foi a revista CLAUDIA, da Editora Abril. As reportagens da revista são pautadas a partir da sensibilidade feminina e atendem às necessidades de mulheres brasileiras que buscam o equilíbrio entre a carreira e a vida pessoal. O que é proposto com a publicação de *Entre as cores da capulana* em CLAUDIA é a identificação entre o público-alvo da revista com as brasileiras em missão humanitária em Moçambique, moças que também buscam conciliar o pessoal com a profissão. Além disso, a histórias das profissionais de saúde pretendeu inspirar as leitoras de CLAUDIA, que imediatamente se sensibilizam com os desafios e conquistas das conterrâneas. O planejamento gráfico foi idealizado a partir do projeto original da revista, pois pareceu a estrutura mais adequada para a proposta do trabalho, com espaço para texto e fotografias ilustrativas. Foi desenvolvido um caderno especial para a simulação da publicação, CLAUDIA REPORTAGEM, que reuniu as características e tipografia do projeto original dos cadernos anexados à revista.

6 CONSIDERAÇÕES

O início deste Trabalho de Graduação Interdisciplinar deu-se a partir da defesa proposta em prol da humanização dentro do Jornalismo contemporâneo. Autores como Cremilda Medina, Sergio Vilas Boas e Edvaldo Pereira Lima discutem com propriedade a perda de proximidade e identificação entre o leitor e os fatos, defendendo a retomada das técnicas do Jornalismo Literário para resgatar a humanidade e solidariedade na cobertura jornalística e aproximar o Jornalismo das aspirações sociais, promovendo a conscientização



do leitor. Devido à rapidez das informações, há pouco espaço para o envolvimento e aprofundamento da notícia, tornando-a superficial e fria. O Jornalismo voltou-se para a objetividade a fim de prontificar sua produção, que passou a exigir mais agilidade. Inspirada pela proposta de humanização e sensibilização dentro do Jornalismo, foi realizada uma extensa pesquisa para comprovar a necessidade social de um Jornalismo mais humano e mais sensível, a fim de preencher uma lacuna informativa acerca do tema retratado e aproximar realidades distantes e mundos opostos. A partir de um Jornalismo focado no ser humano, onde o leitor reconhece-se como personagem de cada história e participa dos fatos narrados, e não apenas observa-os à distância, é agregada ao acontecimento grande credibilidade transmitida pelo jornalista devido à fidelidade dos fatos, tornando possível uma identificação entre o leitor e a realidade relatada. Para reconhecer e apreender a inóxia de informações e uma grave alfabetização emocional, foi realizada uma viagem a Moçambique com o objetivo de redigir uma grande reportagem posteriormente. Durante a viagem, o mergulho dentro da realidade do povo e da cultura foi necessária e rica para trazer ao Brasil um retrato fiel do que foi vivido por lá. A redação de *Entre as cores da capulana* permitiu o resgate de técnicas do Jornalismo Literário, como o uso de diálogo, descrição cena a cena e a narrativa em primeira pessoa, características que comprovam o envolvimento do autor com o fato narrado e convidam o leitor a embarcar nessa viagem ao lado dele. A partir do uso dessas técnicas, que pintam um retrato vivo e colorido da narrativa, o autor conduz o leitor por suas experiências e o transforma, também, em personagem, como se o mesmo tivesse vivido cada momento com a mesma intensidade e presença. Com a realização da pesquisa e da peça, foi possível constatar que o Jornalismo pode, sim, ser abordado de forma mais humana e solidária, aquecendo o relato informativo. Como observa Medina, existe uma necessidade crescente de sensibilização para combater a objetividade da informação. Existe uma necessidade agravante de sensibilização para combater a objetividade da informação e a grande reportagem se apresenta como uma alternativa nessa luta contra o analfabetismo emocional do relato informativo. A inserção do autor no relato contribui para transmitir aos brasileiros as impressões adquiridas durante a viagem sobre a realidade encontrada por lá, a fim de aproximar esses dois mundos distantes e repletos de contrastes, desconhecido pela maioria das pessoas. Além de informar, *Entre as cores da capulana* pretendeu despertar sensações e aguçar os sentidos, para que os leitores vivenciassem tudo que foi descrito. O jornalista, como mediador social, tem uma missão muito mais importante do que apenas informar. Ele tem a responsabilidade de ajudar os leitores a entender e interpretar melhor o que ocorre ao redor do mundo,



permitindo que desenvolvam uma visão mais ampla dos acontecimentos, que os ajudem a aproximar universos tão peculiares e distintos. Ele deve ser, nas palavras de Medina (1991, p. 197) um “poeta de seu tempo”. O retrato do desconhecido ainda é algo assustador; mas um assustador necessário para a boa formação de qualquer cidadão nesse mundo de intensos contrastes, mas cada vez mais globalizado e interconectado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo. *A aventura da reportagem*. São Paulo: Summus, 1990. 97 p.
- FARO, José Salvador. *Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira*. AGE, 1999. 285 p.
- FOLQUENING, Victor. *O Jornalismo é um Humanismo – representações sociais de estudantes de Comunicação*. Ponta Grossa, PR: Pós-Escrito, 2002. 167 p.
- KOTSCHO, Ricardo. *A Prática da Reportagem*. São Paulo: Ática, 2007. 80 p.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. São Paulo: Manole, 2009. 470 p.
- MÉDICOS SEM FRONTEIRAS (Brasil). *MSF Relatório Anual*. Rio de Janeiro, 2007.
- MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003. 152 p.
- _____. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 2005. 96 p.
- _____. *Jornalismo e a Epistemologia da Complexidade, Anais do Primeiro Seminário Transdisciplinar. A Crise dos Paradigmas*, São Paulo: USP/ECA, 1990 - 1991.
- _____. *Profissão jornalista: responsabilidade social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2006. 142 p.
- SODRÉ, Muniz. *A Comunicação do Grotesco; introdução à cultura de massa brasileira*. 4ªed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- VILAS BOAS, Sergio. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus, 1996. 129 p.
- _____. (org.) *Jornalistas literários – narrativas da vida real por novos autores brasileiros*. São Paulo: Summus, 2007. 315 p.